

# O Jeito de Ser Bispo Hoje

Dom Orlando Brandes  
Bispo de Joinville\*  
ex-Professor no ITESC

**A**nossa revista "ENCONTROS TEOLÓGICOS", na pessoa de seu Redator, Pe. Ney, solicitou-me um artigo a respeito do episcopado. Não faço aqui uma reflexão teológica a rigor sobre a teologia do ministério episcopal, por falta de tempo, preferindo apresentar aos leitores uma reflexão pessoal, sem pesquisa livresca. Partilho algumas idéias e sentimentos a respeito do tema que agora me toca mais de perto.

Agradeço esta oportunidade e este espaço, uma vez que, como Bispo Eleito de Joinville, é bastante oportuno dizer o que penso, o que sinto e o que espero, ao assumir este novo ministério.

**1. UMA VINCULAÇÃO ESPONSAL.** O novo "Catecismo da Igreja Católica" estuda o Matrimônio e a Ordem sob o título: "Sacramentos do serviço da Comunhão" (n. 1533). Servem para a edificação do Povo de Deus.

Penso que o episcopado é um verdadeiro sponsal, uma vinculação de aliança amorosa a Cristo e à Igreja. O anel que o Bispo usa é sinal destes sponsais, que fazem do eleito um "homem da fidelidade e não da facilidade", na expressão do primeiro Diretor do ITESC, de saudosa memória, Pe. Paulo BRATTI. O ministério episcopal é antes de tudo uma questão de amor: "Pedro, tu me amas mais do que estes?" (Jo 21,15) Esta vinculação afetivo-esposal perfaz o perfil do pastor desposado com o rebanho, com o Colégio dos Bispos, com o Presbitério, com o povo. Um sponsal indelével, onde evidentemente não pode haver divórcio. Amar a Igreja, por ela vibrar e por ela sofrer, como Cristo "amou a Igreja e por ela se entregou" (Ef 5,25), eis o segredo recôndito do episcopado e de todo ministério na Igreja.

## o episcopado é um verdadeiro sponsal, uma vinculação de aliança amorosa a Cristo e à Igreja

**2. O PRIMADO DA SANTIDADE.** A primeira vocação na Igreja não é ao ministério, mas à santidade. Os primeiros no Reino de Deus são os santos, não os ministros. O ministério episcopal está a serviço da santidade. Perdida esta dimensão corre-se o risco da inversão de valores, e o episcopado se torna mais honraria ou função do que seguimento de Jesus.

No sentido em que estamos refletindo, a dimensão mariana da Igreja tem primazia em relação à dimensão petrina. Maria precede Pedro no sentido da primazia da vocação à santidade em relação ao chamado ministerial. Não basta ser ministro, é preciso ser ministro sob a luz da vocação univer-

sal à santidade. Transcrevo aqui o que Dom Angélico Sândalo BERNARDINO expressou no cartão de felicitações pela minha nomeação: "Querido irmão Pe. Orlando, parabéns pela sua nomeação para Bispo de Joinville. Que o Senhor Jesus o faça santo pastor de seu povo."

**3. TRANSPARÊNCIA SIM, APARÊNCIA NÃO.** Mestre da doutrina, sacerdote do culto, ministro do governo, eis a transparência do Bispo. Cabe-lhe assumir seu espaço, seu carisma, sua missão. Os documentos da Igreja não se cansam em repetir que o Bispo é o primeiro evangelizador, o primeiro catequista e também o primeiro candidato ao martírio.

O risco está em os candidatos ao episcopado serem forçados a viver sob as aparências, os rótulos, as poses, as caricaturas, os privilégios que a sociedade, as culturas e as pessoas impõem. Cada pessoa tem o seu clichê, sua ótica, seu rótulo sobre a "figura do Bispo": alto, idoso, obeso, "rico", pomposo, principesco etc. Concordo em que o Bispo deva ser um "gentleman", perito em humanismo, pois a própria Palavra de Deus, na primeira carta a Timóteo, faz uma longa lista de qualidades humanas relativas ao candidato (cf 1Tm 3,1-7). O que quero frisar é o risco de a aparência substituir a transparência.

**4. O BISPO, "PÁROCO DOS PADRES".** O sacerdócio tem origem no coração de Deus: "Dar-vos-ei pastores segundo o meu coração" (Jr 3,15). Os primeiros a habitarem o coração do Bispo serão os sacerdotes, mesmo com o risco de causarem ferimentos. Dos sacerdotes o Bispo é pai, mãe, amigo, mestre, médico, modelo, isto é, um animador do sacerdócio dos presbíteros.

Sabemos que o relacionamento Bispo-padre não é fácil, mas é um dos segredos da realização da felicidade de ambos.

Penso que os padres são as mãos e os pés do Bispo. Com tais pés a Diocese caminha, com tais mãos o povo é ajudado, abraçado e carregado, especialmente os mais pequeninos, os excluídos. "Sem os padres, nada somos", dizia um Bispo francês participante do Concílio Vaticano II, aos Bispos conciliares.

**5. O BISPO E A "SABEDORIA PASTORAL".** Contava Dom Ivo LORSCHETTER ao clero de Florianópolis em retiro, que São Carlos BORROMEU (1538-1584), Arcebispo de Milão logo depois do Concílio de Trento, aconselhava aos Bispos do seu tempo em visita pastoral: "Omnia videre, multa dissimulare et pauca corrigere" (Ver tudo, fazer que não vê muitas coisas e poucas coisas corrigir).

Um Santo não pode ensinar a prática da omissão nem da simulação, mas o que o nosso Santo aconselha aqui é a Sabedoria Pastoral que consiste em unir a fidelidade à misericórdia, saber ter a franqueza do profeta e a ternura da mãe ao mesmo tempo. É o uso da "autoridade discreta" (oração consecratória) que nada tem a ver com o "democratismo" (*Directório para o Ministério e a Vida do Presbítero*, n. 17). Na prática da caridade pastoral o Bispo não é um fiscal, nem um pequeno Papa, mas "vigário e legado de Cristo" (*Lumen Géntium*, n. 27). O báculo não é vara nem tacape, mas cajo de peregrino à frente do rebanho, indicando o caminho a seguir e afugentando os lobos.

**6. BISPO PARA O MUNDO INTEIRO.** O diocesanismo não é bom. Diocese não é ilha, nem clausura, nem ponta de lança, é uma porção do povo de Deus. Diz o Concílio Vaticano II: "Os Bispos não foram consagrados só para uma Diocese, mas para a salvação do mundo" (*Ad Géntes*, n. 38). O Bispo é em primeiro lugar missionário do mundo como membro do Colégio Apostólico e, depois, pastor da Diocese.

Superado o diocesanismo diminuem as competições, acontecem trocas de padres e de lideranças com mais facilidade, uma "caixa comum interdiocesana" poderia ser criada para atender a diferentes necessidades, inclusive a criação de um canal de televisão da Igreja, uma Rádio Católica etc. Confesso que aqui estou no plano da utopia, dos sonhos. Tenho o direito de sonhar também. Este "ecumenismo interdiocesano" facilitaria a formação permanente de padres de uma região etc. São esperanças que julgo não serem irrealidades nem irresponsabilidades, mas sonhos.

**7. SER BISPO SIGNIFICA SABER OLHAR.** *Episcopus*, do grego através do latim, *Bispo* no vernáculo, significa aquele que olha de cima, supervisor, vigilante. Toda pessoa, para olhar bem, precisa enxergar com o coração. Vemos com os nossos afetos. O Bispo, para olhar bem, não terá olhos de fiscal, mas sim olhos abertos. Será um homem de "dois olhares". Um olhar fixo no hoje, na realidade, na história presente, no futuro. Outro olhar para o passado, para a Tradição, para o tesouro da fé e da doutrina que nos vem de longe.

Por precisar ter estes dois olhares, o Bispo será forçosamente "conservador e progressista", como costuma dizer Dom Aloísio LORSCHREIDER. Estes dois olhares ajudarão o Bispo a cumprir a faixa externa e a faixa interna da Igreja. O olhar externo se fixa na realidade sócio-econômica, já o interno se volta para a própria realidade eclesial como o são as vocações ministeriais, a formação do Clero, sua unidade e permanente cultivo, a liturgia.

Nestes dois olhares se resumem todos os desafios da "mística e da política". Peço ao Senhor que eu possa ver com a Sua luz, andar sob Seu farol, perceber toda a realidade. Tirai, Senhor, as cegueiras, a miopia, não permitais que vosso servo seja vesgo, nem caolho, mas saiba olhar bem! Como diz A. DE MELO, é preciso ter "pescoço de girafa", que não consiste em olhar de cima para baixo, mas ver bem, com lucidez, "de olhos esbugalhados".

**8. SABER LIDAR COM OS CONFLITOS.** Que a vida e o mundo são conflitivos, não é novidade. A questão está em saber lidar com os conflitos. O Bispo precisa ter um

"sentimento oceânico", "ouvido de discípulo" (cf Is 50,4) e espírito de discernimento, para conhecer a realidade, o que em francês significa "*co-naître*", nascer com, nascer junto, nascer de novo. O Bispo terá também seus conflitos pessoais, pois, na melhor das hipóteses, "somos médicos feridos", diz Bernhard HAERING. A única solução é cultivar-se sempre, a formação permanente. O mestre ser também discípulo.

Os italianos têm uma devoção mariana dedicada a Nossa Senhora "dos Nós". Creio que o Bispo deverá ser muito mariano para saber "desnozar" e desfazer conflitos. Hoje é fácil encontrar pessoas que criam neuroticamente conflitos, pensando que tal atitude seja própria de quem tem consciência crítica. É um engano muito comum e que causa muito desgaste inútil de energias e de paciência.

O risco que todos corremos numa situação de conflito está na fuga, omissão, diplomacia, defesa da auto-imagem, mas "*onde há diplomacia cessa a profecia*" e muitas vezes a tentação da diplomacia suplanta a profecia. Toda a questão está na espiritualidade do conflito, que consiste na "fidelidade no conflito". Uma fidelidade que olha para duas direções: para Deus e para a realidade histórica.

**9. FISIONOMIA DO BISPO BRASILEIRO.** Na sua primeira visita ao Brasil (1980), o papa JOÃO PAULO II, dirigindo-se ao episcopado brasileiro em Fortaleza, dizia: "*Não posso silenciar algo que me acompanha durante este encontro como motivo de alegria. Refiro-me à imagem que vós, Bispos brasileiros, projetais em toda a Igreja e no mundo inteiro: imagem de pobreza e de simplicidade, de devotamento pleno, de proximidade ao vosso povo e plena inserção em sua vida e seus problemas. Imagem de Bispos profundamente evangélicos e profundamente conformes à mente do Vaticano II*".

Peço ao Senhor a graça de ser digno de tão alto elogio e de corresponder a esta imagem papal, que não foi imaginada mas corresponde à realidade da maioria dos nossos Bispos. Para quem começa, é preciso "*aprender a ser Bispo*", tendo "ouvido de discípulo", coração de enamorado, pés de peregrino, mãos de operário.

**Por precisar ter estes dois olhares, o Bispo será forçosamente "conservador e progressista".**

**10. SOMOS OPERÁRIOS DE DEUS.** Este meu lema, da primeira Carta aos Coríntios (1Cor 3,9), tem um fundo missionário, apostólico, evangelizador. Tenho pavor da vida sacerdotal que se torna apenas o cumprimento de uma função prescrita. No Brasil, os Bispos recebem o título de "Dom". É uma abreviação de *Dóminus*, Senhor, um título honorífico, que se transforma, porém, numa denominação imperativa: ser "dom", ser oblação, ser entrega, ser operário.

Se o padre, na expressão de CHEVRIER, é um "homem devorado", o Bispo é um "homem esquartejado". Sua vida é mais cruz do que glória e, se for glória, será sob a cruz. Ser "dom" é ser operário, ser "homem exodal" que continuamente sai de si para estar no outro, para caminhar com um "povo exodal". Um homem-dom será testemunha do interesse de Deus pelo homem e pelo mundo.

## CONCLUSÃO

Estas reflexões sobre "o jeito de ser Bispo hoje" podem ser concluídas com aquela inspirada expressão do Bispo de Hipona, Santo AGOSTINHO: "Atemoriza-me o que sou para vós; consola-me o que sou convosco. Pois, para vós sou Bispo, convosco sou cristão. Aquilo é um dever; isto, uma graça. O primeiro, ser Bispo, é um perigo; o segundo, salvação" (Lúmen Géntium, n. 32).

Inspirado nesta passagem agostiniana, o então Frei Boaventura KLOPPENBURG, hoje Bispo de Novo Hamburgo, escreveu um artigo na Revista Eclesiástica Brasileira, REB, em 1967, com a epígrafe: "A perigosa arte de ser Bispo hoje". Temos aí uma feliz síntese da teologia do Bispo.

Nestes tempos de Nova Evangelização, a "arte de ser Bispo" certamente se torna ainda mais exigente, pois se requer "novo ardor, novas expressões, nova metodologia". Anima-me de modo especial o que diz o apóstolo PAULO: "Pela graça de Deus sou o que sou" (1Cor 15,10). Sob a energia da graça é preciso ser "operário de Deus" (meu

lema, da 1Cor 3,9), já que Ele escolhe "não os que são dignos, mas os que lhe apraz" (Santa TERESINHA).

As coincidências também falam. Serei ordenado na Catedral de Joinville, dedicada a um dos maiores missionários de todos os tempos, São Francisco Xavier, zeloso operário de Deus. Ainda mais, a liturgia da ordenação acontecerá no dia 5 de junho, data dedicada a outro extraordinário missionário, o "Apóstolo da Alemanha", São Bonifácio.

Terminando, deixo como pensamento final um trecho de uma carta do mesmo São BONIFÁCIO, que se encontra no ofício das Leituras do dia: "Confiemos naquele que nos impôs o fardo. Por não podermos carregá-lo por nós mesmos, carreguemo-lo por Aquele que é Onipotente e que disse: Meu jugo é suave, e leve o meu fardo". ♦

Florianópolis, ITESC, 15 de maio de 1994

*\*Nota do Redator: Depoimento escrito antes da Ordenação Episcopal, ocorrida a 5-6, cf p. 61*

### CONTRIBUIÇÃO PARA A REVISTA

Ainda são relativamente poucos os nossos leitores que, rebendo e apreciando ENCONTROS TEOLÓGICOS, apresentam seu apreço enviando a sua contribuição. Tornamos, pois a convidar que o façam. Agora, em pleno início de plano Real, a expectativa de que a mentalidade inflacionária seja coibida, sugerimos a contribuição de **Dois Reais** (isto é, por número). Talvez a maneira mais prática de no-los enviar seja, não o cheque (a não ser em caso de uma contribuição mais significativa, sempre bem-vinda!), mas duas notas de R\$ 1,00 devidamente escondidas em papel opaco. Pode ser assim? Para facilitar, estamos incluindo um envelope, já devidamente endereçado à Revista. Não esqueçam de identificar o remetente... e Deus lhes pague!

**ENCONTROS TEOLÓGICOS**  
ITESC - Caixa Postal 5041  
88040-970 - Florianópolis - SC